As treze Baladas Das mãos frias

CANÇÕES

Pedro De Menezes

Ao grande Poeta
Fernando Pessoa,
com muita admi-
ração e estima, of

Pedro Homem

AS TREZE BALADAS DAS MÃOS FRIAS

766

DO MESMO AUTOR

RIMAS DA NOITE E DA TRISTEZA — 1913
DISTANCIA — 1914
ELOGIO DA PAISAGEM — 1915
AS TREZE BALADAS DAS MÃOS FRIAS — 1916

A SAIR:

MAIS ALTO
ANFORA, sonetos

As treze Baladas Das mãos frias

CANÇÕES

Pedro De Menezes

Balada
Das mãos frias

Sombras de palma. Mãos frias.
Escudos velhos de outono.
Ecos de outras melodias
A arrulharem o meu sono.
Menina das mãos esguias.

Os seus dedos sempre presos
Nos meus dedos alongados.
Seus olhos, círios acesos
Dentro de cofres fechados...
Senhora dos dedos presos.

Sinto os seus passos trementes
Noutras mesquitas, em Fez...
Suas mãos, monjas ausentes,
São as mãos de D. Inês...
Princesa das mãos doentes.

De vidro é meu coração.
Guarda-o bem na tua mão,
Porque se um descuido houvera
Podia cair no chão...
Rainha das mãos de cera.

Essas mãos sempre santinhas
São mariposas que vi
Sôbre mãos de outras rainhas.
Ando no mundo por ti,
Infanta das mãos velhinhas...

Balada
Das naus paradas

Partiram as naus um dia
E nunca mais regressaram...
Dentro delas quem iria?
A que portos aportaram?

Só vejo a tua presença
Assentada no jardim.
Minha Alma dormindo pensa
Que inda está ao pé de mim.

E eu fui nessas naus que um dia
Partiram e não voltaram...
Meu Deus, quem me levaria?

Dentro de mim choro e esmolo.
Os braços que me embalaram
Já trouxeram Deus ao colo.

P'ra que minha Alma adormeça
Tua presença é o lenço
Que traz de noite, à cabeça,
A pastorinha em que penso.

Oiço a pastora a chorar.
E nesse lenço pintadas,
Eu vejo naus afastadas
Sempre paradas no mar.

E meus olhos que as pintaram,
Ao vê-las assim paradas,
Preguntam em voz baixinha

Se essas naus que me levaram
Serão as que estão pintadas
No lenço da pastorinha.

Meus sentidos sempre quedos
Scismam ruídos de rios...
E as naus são meus dedos frios
Sempre presos nos teus dedos.

E assim no longe, paradas,
São frisos que uma ceguinha
Viu em paredes bordadas...
São tua boca na minha.

São canções que me cantaram.
P'ra meus olhos as sentirem
Tomaram forma, no mar...

São horas que já passaram,
Que com pena de partirem
Sonham que inda hão-de voltar...

Balada
Das horas velhas

Olho. Passa na alameda
Tua Alma de mãos erguidas
De tarde, a rezar por mim.
E entre camélias vencidas
Tuas rezas são de seda,
Teus pedidos de marfim.

E no teu passar acordam
Os lírios estremunhados
P'ra beijar os dedos teus...
E ao ver os lírios, recordam
Rôlhas de frascos cansados
De guardar perfume-Deus.

Deus te abençoe nos lírios
E te conduza entre círios
Ao jardim do meu Sonhar.
Que os lírios num gesto exangue
Sei que são gotas de sangue
Que perdeu Jesus-Luar.

E eu sinto que rezam côr
Os lábios da minha Dôr...
Côr, religião dos olhos.
Desmaia a tarde, envelhece.
É quando a côr endoidece
E quer fugir p'ra os teus olhos.

É quando sonho de ver-te.
É quando meu coração
Te lembra a forma morena
Dum boneco que em pequena
Deixaste cair no chão
E se quebrou de perder-te.

É quando os montes são quietos,
Quando não há quem se afoite
Com mêdo de encontrar Deus.
É quando os lábios são pretos,
Deus só se sente na Noite
E é Noite só para Deus!

Balada
Da cruz

Meus olhos estão a rezar.
E pensam ver em Jesus
Uma gota de Luar
A escorregar pela cruz.

Fala Jesus moribundo:

«Negros braços. Preso neles.
Julgo ainda ouvir meus passos.
Que duros são estes braços,
Minha Mãe, tira-Me deles!

Já deixa-los não consigo.
São como sombras que incenso.
Prendem-me tanto, que penso
Que querem fugir comigo.

As minhas mãos são alfombras,
São alfombras dos meus dedos.
São dos meus braços as sombras,
Lírios mortos de segredos.

Eu sinto as minhas mãos rotas.
Tomaram côr das amoras...
E os meus dedos são só gotas...
Gotas de sangue das Horas.

Minha Ansia é minha filha.
Já presinto a minha Morte.
O meu cabelo é mantilha
Do perfil da minha Morte.

Sinto os meus olhos já velhos.
Vejo imagens de marfim...
Vejo o Dia de joelhos
A rezar ao pé de mim.

A Dôr dentro em mim se acalma.
Esta chaga do meu peito
E boca da minha Alma
Que me rasgaram no peito.

Quando minha Alma adormeça
Calará para escutar...
O meu curvar a cabeça
E minha Mãe a chorar.

Longos braços. Preso neles.
Ai, já não sinto os meus passos.
Que brandos são estes braços,
Minha Mãe, vou dormir neles.»

Dormem meus olhos também.
E quási a morrer, Jesus
Sonha pregado na cruz
Que está nos braços da Mãe!

Balada
Das aias cegas

Cegou a Senhora Infanta.
Como somos suas aias
Quizemos também cegar.

Cegou a Senhora Infanta.
Nós próprias somos as saias
Que ela nos mandou bordar.

Um dia o noivo afastou-se
E nunca mais regressou.
Não mais o viu. Desgostou-se.
Pôz-se a chorar e cegou.

Descobrimos-lhe um segrêdo.
Soubemos que tinha mêdo
Que êle um dia regressasse
E que por mais que chorasse
Não mais o pudesse ver.

Tinha ciumes de nós,
Ciumes de olhos não ter...

Receiava que voltando
Se enamorasse de nós...

Ela seguia chorando,
E assim por tão triste vê-la
Nós p'ra sermos como ela
Quizemos cegar também...

Nunca mais voltou ninguêm.
Nossos corações velhinhos
Orfãos de beijos pagãos
Andam de luto na escola...

Os nossos dedos ceguinhos
Andam a pedir esmola
A' porta das nossas mãos.

Nossos sentidos dispersos,
Esquecidos, assustados,
Rezam milagres divinos...

Nossas pálpebras são berços,
Dos quais os olhos, meninos,
Foram de noite roubados.

Pobre da Senhora Infanta,
Anda com cinzentas saias
Por mãos de Outono tecidas...

E nós já não somos aias...
Somos lagrimas caídas
Dos olhos da nossa Infanta.

Balada
De Portugal

I

Portugal é um menino
Que Deus sentou no joelho
Para com êle brincar.
É a sombra dum espelho
Debruçado sôbre o mar.
Veem junto dele as ondas
P'ra se poderem pentear.
Portugal é um menino.
Enamorou-se das ondas
E elas querem-no levar...

Portugal, uma bandeira
Dum país desconhecido,
A sombra duma palmeira
Num jardim adormecido...

É um galeão cansado
Que anda à procura de terra,
É um estojo fechado
Que ninguêm sabe o que encerra.

É a voz duma mulher
Que por detraz duma porta
Pregunta sempre: «Quem é?»

Anel, que na noite morta
Caiu, sem ela o saber,
Dos dedos de Salomé.

II

Portugal é um menino.
E como é um menino
E não sabe o que fazer,
O Sol antes de morrer
Põe-se no longe a espreitar.
Não vá êle pôr-se a correr
E vir a cair no mar.
E como é um menino
Quando o não deixam correr
As vezes põe-se a chorar...

Portugal, rajá doente.
Mãos sôbre o meu coração.
El-rei D. Sebastião
Passando pelo Poente.

E Deus quer-lhe na verdade...
Filho bastardo de Deus.
Lapis com que à tarde Deus
Escreve a palavra: Saudade.

Colcha estendida à janela.
Sombra duma caravela
Lá para as bandas de Ofir.

Uma rainha a scismar.
Um presente do Luar.
Vitral de Alcácer-Kibir!

Balada
Da tristeza

O meu coração está exposto
Na capela dum afago
Doentinho de desgosto...
E os cisnes brancos no lago
São tuas mãos no meu rosto.

E lá andam cisnes velhos,
Cisnes velhos desmaiados,
Sôbre as aguas de joelhos...
Cisnes de loiça, quebrados,
Poisados sôbre os espelhos.

Oiço-te entre os arvoredos.
Os teus dedos em arcadas
São pontes sôbre segredos.
Irmãos gêmeos dos das fadas,
A fadarem os meus dedos.

Sombras doutras tantas mortes.
Sonham com filhas de reis
P'ra serem suas consortes...
As tuas mãos são papeis
Onde os dedos são recortes.

Quando te quero chamar
Os meus gritos se desfazem.
Ecos, mãos postas a orar,
As sombras que os gritos fazem
Quando passam no luar.

Pela tua sombra choro.
Nunca te posso esquecer.
Nos teus lábios me demoro.
Apesar de te não ver
Dentro dos teus olhos moro.

Sei que o teu olhar voou
E me deixou ficar só.
Meu Deus, já não sei quem sou.
Meu coração é um nó
Que ninguêm mais desatou.

Balada
Da saudade

Velha iluminação
A' veneziana em volta da capela.

Nenhum porto...
Nenhuma nau. Nem sombra duma vela.

Canção...
Vaga oração
Que rezam numa ilha do Mar-Morto.

Cheguei.
Lá está o palácio
Onde dormia o rei...
A sombra do palácio...
As tôrres do palácio...

Tudo o que existe em mim é meu império.
Ajoelho em teus olhos de mistério
E a êles me confesso.

Levas um chale em volta do mistério...
A Saudade é o chale do avesso!..

Balada
De Salomé

Meus bailados endoidecem,
Adormecem,
São riscos, que os meus sentidos
Com tules de ânsia vestidos,
Traçam no ar...
Endoidecem...
Plumas que caem no mar...

Ando ao redor do meu Corpo,
Triste, exangue...
Sou uma bruma de mim...
Sou uma gota de sangue
Numa espada de marfim...
Dedos de silêncios velhos...
Breves sombras do meu Corpo
A dançarem nos espelhos.

Meus olhos, portas abertas
E desertas,
Portas p'ra jardins pagãos...
Leves repuxos de côres...
São conventos profanados
Onde morreu uma freira...
E são palcos minhas mãos,
Onde meus dedos-atores
Andam cantando bailados
Duma outra bailadeira...

Minha sombra, voz que escuto
Numa sala dum castelo.
Sonho de Mim. Meu cabelo,
Caudas de faisões de luto
Em parques de outros Orientes...
O meu Corpo, um girasol
Virando a todo o momento
Para o Sol
Dos meus sentidos doentes.

Sou o talisman dum mago.
E são meus olhos inquietos,
Muito pretos,
Cabeças dentro de pratos...
Sou silêncios debruçados,
Gritos de mim, ecos, tudo ..
Os meus bailados são patos
Ao longe, junto dum lago,
Laços de sangue, pintados
Num pescoço de veludo...

Balada
Da morta

Calou-se meu coração.
Sou de minha Alma um recorte.
É um berço o meu caixão,
O berço da minha morte.

Os dedos de minha Mãe
Minhas pálpebras cerraram.
Meus olhos que se apagaram
Vão em dois caixões também.

Ao meu redor, cinco tochas,
Bruxoleantes e roxas...
Cinco tochas, meus sentidos.

Sou da côr delas. Arderam.
Sou a tocha onde acenderam
Meus cabelos esparzidos.

Puzeram rosas doentes
Nas minhas mãos desmaiadas.
Meus lábios, foram Poentes.
Meus dedos, fitas frisadas.

As minhas unhas de neve
Janelas que se fecharam.
Nos sonhos que me embalaram
Inda o meu nome se escreve.

O meu passado me ensombra.
A minha infância foi cama
Onde nasci esquecida...

Minha mãe é minha sombra.
A vida foi minha ama,
A morte, avental da vida.

Balada
De Satan

I

Passo a minha vida inteira
A sonhar no que passou.
Quem seria a feiticeira
Que minha Alma enfeitiçou?

Pela minha sombra espero
Nos meus olhos de setim.
Todas as noivas que quero
Se afastam sempre de mim.

II

Meus gritos velhos, pagãos,
Dormem ecos apagados.
Meus beijos, lírios mirrados
No jardim de negras mãos.

Meu ser a planície calma
Onde o meu Sonho reside.
Meu coração, o cabide
Onde penduro minha Alma

Meus lábios cansadas molas
Apertando as minhas falas
Dentro de doiradas malas...

As minhas mãos são argolas
Onde enfiaram meus dedos
Que são chaves de segredos.

III

Quero ser Alma voando
E em vôos me envolvo e teimo
Alcançar Deus. E chorando
Minhas brandas asas queimo.

Ando em busca dos meus passos
Que estão cobertos com véus.
Abro os braços p'ra ser Deus
E a cruz foge dos meus braços.

Balada
Do luar

Lembra-me a Lua, vendo-a de dia,
Uma das bolas
De sabão
Que Deus fazia
Quando era pequenino, p'lo sol-posto.

Uma das golas
Que uma rainha rasgou
Para encobrir o rosto
Quando seu chôro ardia em oração.

Uma lenda que um dia me contaram.
Um Sonho que levaram
Do que sou,
P'ra a minha antiguidade.
Rudizio do moinho da Saudade.

Uma janela aberta,
Numa casa que está sempre deserta,
Com luz no interior
E onde nem passa o hálito duma flor.

Luar...
Ruído dos meus passos quando hesito.
Jardim que vai morrendo
E onde não há quem se afoite.

Um palhaço a gritar
A' porta da barraca da Noite
Na feira do Infinito,
Dizendo
Que ela vai principiar.

Uma escova prateada
Com que escovo meu Ser sempre tristonho.

E' o corrimão da escada
Por onde sobe o meu Sonho!

A última Balada

Minhas baladas, princesas
Que deitei no teu regaço.
Lâmpadas dantes acesas
Nas salas nobres do paço
Onde deixei as princesas.

Palácio, cujas janelas
Todas davam para o mar.
Tuas mãos, longe, eram velas
Que me vinham procurar
No meu silêncio de vê-las.

E eu via-te ao pé de mim.
Via a sombra de teus braços
Confundida com marfim,
E o ruído de teus passos
Era luar no jardim.

Se passavas na alameda
Por onde às vezes divago
E onde o meu sonho se enreda,
Tua ternura era um lago
Numa paisagem de seda.

Tua sombra, antiguidade.
O teu olhar tão suave
Tinha a côr da ansiedade.
O teu perfil era a chave
Com que fechei a saudade.

E se me quero lembrar
De mim, vaga sombra fria,
Ponho-me então a chorar,
Lembro que em pequeno, um dia,
Me foram lançar ao mar.

E alguêm me deu seus carinhos,
Alguêm me deixou esquecido
Nos seus olhos mirradinhos...
Eu sei que fui recolhido
Por pescadores céguinhos.

Olhei p'ra mim. Esqueci-me.
E os meus olhos que me viram,
Então comigo fugiram.
Os pescadores partiram.
Fiquei na praia e perdi-me.

Vi-me só ante a paisagem.
Só, a rezar como um monge,
E os casais entre a folhagem...
Os casais brancos, no longe,
São sentidos da paisagem.

Andei por palácios velhos.
Meus dedos na sala ungiram-se
Doutros poentes vermelhos.
Diante de mim via espelhos.
Olhei p'ra eles, partiram-se...

Sinto meus olhos ausentes.
Nos espelhos, apagadas,
Vejo imagens degoladas...
Sou pagem de infantas doentes,
Pagem das minhas baladas.

1916

LIVRARIA BRAZILEIRA

DE

Monteiro & C.ª

190, Rua do Ouro, 192

LISBOA